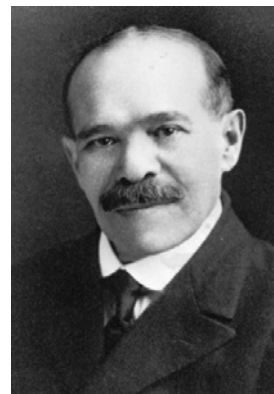




## A Teoria da Gestalt por Max Wertheimer (1924)<sup>i</sup>

Tradução: Ricardo Mazzini Bordini<sup>1</sup>

O que é a teoria da Gestalt<sup>ii</sup> e o que ele pretende? A teoria da Gestalt foi o resultado de investigações concretas em psicologia, lógica e epistemologia.<sup>2</sup> A situação predominante na época de sua origem pode ser brevemente resumida como segue. Nós vamos de mundo dos eventos diários para aquele da ciência, e não desnaturalmente assumimos que ao fazer esta transição nós ganhamos um entendimento mais profundo e mais preciso do que é essencial. A transição deveria marcar um avanço. E ainda assim, embora alguém possa aprender muito, ele fica mais pobre do que antes. É o mesmo com a psicologia. Aqui também nós encontramos uma intenção científica sobre uma coleção sistemática de dados, embora geralmente excluindo daquela atividade precisamente o que é mais vívido e real no fenômeno vivo que estuda. De algum modo a coisa que importa nos enganou.



Max Wertheimer, Ph.D.  
Dec. 6, 1863-Feb. 2, 1941

O que acontece quando um problema é resolvido, quando alguém subitamente “vê o ponto?” Mesmo sendo esta experiência comum, procuramos em vão por ela nos livros-texto de psicologia. Das coisas áridas, pobres, e não essenciais há abundância, mas o que realmente importa está faltando. Ao invés, nos é dito da formação de conceitos, de abstrações e generalizações, de classes de conceitos e julgamentos, talvez de associações, fantasia criativa, intuição, talento – qualquer coisa exceto uma resposta para o nosso problema original. E o que são estas últimas palavras senão nomes para o problema? Onde estão as respostas penetrantes? A psicologia está repleta de termos de grande potencialidade – personalidade, essência, intuição, e o resto. Mas quando alguém procura captar o seu conteúdo concreto, tais termos falham.

Esta é a situação e é característico da ciência moderna que o mesmo problema devesse aparecer em todo lugar. Muitas tentativas foram feitas para remediar o assunto. Uma foi um franco derrotismo pregando a separação da ciência e da vida: há regiões que são inacessíveis à ciência. Outras teorias estabelecem uma nítida distinção entre as ciências natural e moral: a exatidão e a precisão da química e da física são características da ciência natural, mas a acuidade “científica” não tem lugar num estudo da mente e de suas peculiaridades. Isto deve ser renunciado em favor de outras categorias.

Sem pausa para exemplos adicionais, vamos antes considerar uma questão que naturalmente fundamenta toda a discussão. É a ciência realmente o tipo de coisa que nós temos inferido? A palavra ciência tem geralmente sugerido uma certa perspectiva, certas pressuposições fundamentais, certos procedimentos e atitudes – mas isto implica que esta é a única possibilidade de método científico? Talvez a ciência já reúna métodos que conduzam para uma direção inteiramente diferente, métodos que têm sido continuamente reprimidos pelos convenientemente necessários, os dominantes. É concebível, por exemplo, que inúmeros fatos e problemas tenham sido ocultados em

<sup>1</sup> Texto utilizado na disciplina “Tópicos em Teoria”, turma de 2005.2, Prof. Ricardo Mazzini Bordini, do Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Departamento de Composição, Literatura e Estruturação Musical – CLEM. Disponível em <http://www.clem.ufba.br/>. Acesso em novembro de 2005. Observação: as notas de rodapé foram suprimidas; a tradução original em inglês pode ser encontrada em: <http://www.enabling.org/ia/gestalt/wert1.html>

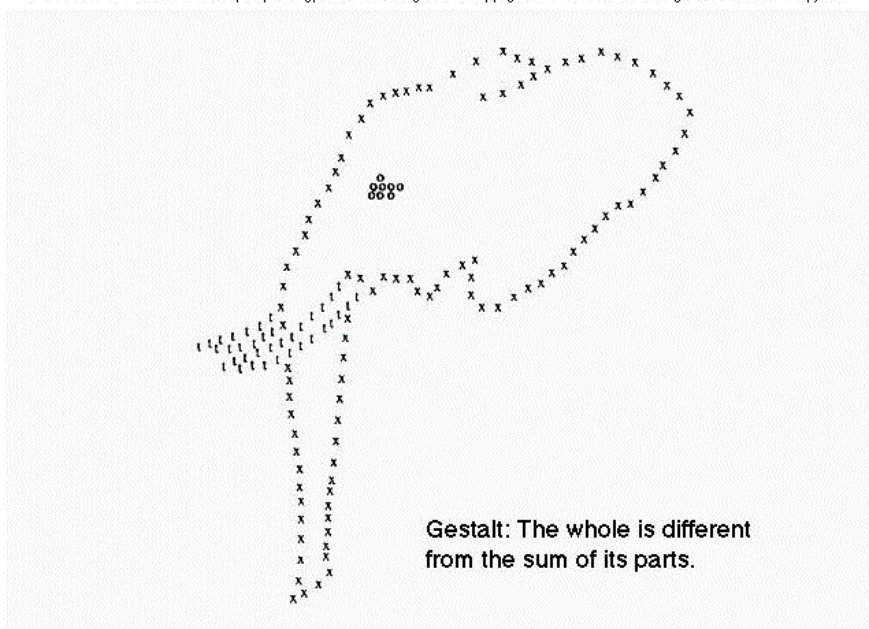
<sup>2</sup> A Gestalt surgiu nas primeiras décadas deste século como uma espécie de resposta ao atomismo psicológico, escola que pregava uma busca do todo psicológico através da soma de suas partes mais elementares; o complexo viria pura e simplesmente da reunião de seus elementos mais simples, era uma escola de adição. A Escola da Forma dizia o contrário: não podemos separar as partes de um todo pois dele elas dependem e não fazem sentido, pelo menos o mesmo, senão enquanto partes formadoras daquele todo. (<http://www.tiagoteixeira.com.br/fatias/conteudo/tecnica/gestalt.htm>)

vez de iluminados pela tradição científica predominante. Mesmo que os métodos tradicionais da ciência sejam indubitavelmente adequados em muitos casos, pode haver outros que nos conduzam erradamente. Talvez algo na própria natureza da perspectiva tradicional tenha levado seus expoentes às vezes a ignorar precisamente o que é verdadeiramente essencial.

A teoria da Gestalt não ficará satisfeita com soluções impostoras sugeridas por uma simples dicotomia entre ciência e vida. Em vez disso, a teoria da Gestalt esteja resolvida a penetrar o próprio problema pelo exame das suposições fundamentais da ciência. Há muito parece óbvio – e é, de fato, o tom característico da ciência européia – que “*ciência*” significa *separar complexos em seus elementos componentes. Isolar os elementos, descobrir suas leis, depois reagrupa-los, e o problema está resolvido. Todos os todos são reduzidos a peças e relações espécie-peça [piecewise] entre as peças.*

A “fórmula” fundamental da teoria da Gestalt pode ser expressa desta maneira. *Há todos, o comportamento dos quais não é determinado por aquele dos seus elementos individuais, mas onde os processos-parte são eles próprios determinados pela natureza intrínseca do todo. A expectativa da teoria da Gestalt é determinar a natureza de tais todos.*

Brown & Benchmark Introductory Psychology Electronic Image Bank copyright © 1995 Times Mirror Higher Education Group, Inc.



Com uma fórmula como esta alguém poderia concluir que a teoria da Gestalt é nada mais nada menos do que isto. Ela não está interessada em resolver as questões filosóficas que uma tal fórmula poderia sugerir.

A teoria da Gestalt tem a ver com pesquisa concreta; não é somente um resultado mas é um dispositivo: não somente uma teoria sobre resultados mas um meio para mais descobertas. Não é meramente a proposta de um ou mais problemas mas uma tentativa de ver o que está realmente acontecendo na ciência. Este problema não pode ser resolvido pela listagem das possibilidades de sistematização, classificação e arranjo. Se ele deve ser atacado, devemos ser guiados pelo espírito do novo método e pela natureza concreta das próprias coisas que nós estamos estudando, e pormos a penetrar no que é realmente dado pela natureza.

Há outra dificuldade que pode ser ilustrada pelo seguinte exemplo. Suponha que um matemático mostre a você um teorema e você começa a classifica-lo. Este teorema, diz você, é de tal tipo, pertence a esta ou aquela categoria histórica, e assim por diante. É assim que o matemático trabalha?

“Ora, você realmente não compreendeu a coisa”, o matemático irá exclamar. “Veja aqui, esta fórmula não é um fato independente e fechado, que possa ser tratado por si próprio. Você deve ver sua relação funcional dinâmica com o todo do qual ela foi retirada ou você nunca a irá entender.”

O que é válido para a fórmula matemática também se aplica à fórmula da teoria da Gestalt. A tentativa da teoria da Gestalt de revelar o significado funcional de sua própria fórmula não é menos estrito do que é o do matemático. A tentativa de explicar a teoria da Gestalt num curto ensaio é o mais difícil por causa dos termos que são usados: parte, todo, determinação intrínseca. Todos eles foram no passado tópicos de discussões infundáveis onde cada disputante os tinha entendido diferentemente. E ainda pior foi a atitude de catalogação adotada para eles. O que lhes faltava era pesquisa real. Como muitos outros problemas “filosóficos” eles foram impedidos do contato com a realidade e com o trabalho científico.

Tudo o que eu posso esperar de uma discussão tão curta é sugerir uns poucos problemas que atualmente ocupam a atenção da teoria da Gestalt e alguma coisa sobre o modo como eles estão sendo atacados.

Repetindo: o problema não tem apenas a ver com o trabalho científico – é um problema fundamental do nosso tempo. A teoria da Gestalt não é algo súbita e inesperadamente jogado de cima sobre nós; ela é, mais que isso, uma convergência palpável de problemas variando entre as ciências e os vários pontos de vista filosóficos dos tempos modernos.

Vamos tomar, por exemplo, um evento na história da psicologia.

Alguém foi transferido de uma experiência viva para a ciência e foi-lhe perguntado o que ele tinha a dizer sobre esta experiência, e ele fornece um sortimento de elementos, imagens sensoriais, sentimentos, atos de vontade e leis governando estes elementos – e foi-lhe dito, “Faça sua escolha, reconstrua a partir deles a experiência que você teve”. Tal procedimento leva a dificuldades na pesquisa psicológica concreta e à emergência de problemas que solução pelos métodos analíticos tradicionais. Historicamente o impulso mais importante veio de v. Ehrenfels que levantou o seguinte problema. A Psicologia tem dito que a experiência é um composto de elementos: ouvimos uma melodia e então, ao ouvi-la novamente, a memória nos permite reconhecê-la. Mas o que é que nos permite reconhecer uma melodia quando ela é tocada numa nova tonalidade? A soma dos elementos é diferente, embora a melodia seja a mesma; de fato, freqüentemente nem mesmo estamos conscientes de que uma transposição foi feita.

Quando em retrospectiva consideramos a situação vigente somos surpreendidos por dois aspectos da tese de v. Ehrenfels; por um lado se é surpreendido pelo caráter essencialmente aditivo de sua teoria, e por outro se admira sua coragem em expor e defender sua proposição. Estritamente interpretada, a posição de v. Ehrenfels era esta: Eu toco uma melodia familiar de seis notas e emprego seis novas notas, ainda assim você reconhece a melodia a despeito da mudança. Deve haver um algo mais do que a soma das seis notas, a saber, um sétimo algo, que é a qualidade-forma, a Gestaltqualität, das seis originais. É este sétimo fator ou elemento que permite que você reconheça a melodia a despeito de sua transposição.

Por mais estranha que esta visão possa parecer, ela compartilha com muitas outras hipóteses subsequentemente abandonadas a honra de ter claramente visto e enfatizado um problema fundamental.

Mas outras explicações foram também propostas. Manteve-se que além das seis notas havia intervalos – relações – e que estes é que permaneciam constantes. Em outras palavras nós somos solicitados a assumir não apenas elementos mas “relações-entre-elementos” como componentes adicionais do complexo total. Mas esta visão falhou em dar conta do fenômeno porque em alguns casos as relações também podem ser alteradas sem destruir a melodia original.

Outro tipo de explanação, também designada a suportar a hipótese elementarística, foi que para este total de seis ou mais notas surgem certos “processos mais elevados” os quais operam sobre o material dado para “produzir” unidade.

Esta era a situação até que a teoria da Gestalt levantou a questão radical: *é realmente verdade que quando eu ouço uma melodia eu tenho uma soma de notas individuais (peças) as quais constituem o fundamento primário de minha experiência?* Não é talvez o reverso desta verdade? O que eu realmente tenho, o que eu ouço de cada nota individual, o que eu experimento em cada ponto da melodia está separado do que é por si determinado pelo caráter do todo. O que me é dado pela melodia não surge (pela ação de qualquer fator auxiliar) como um processo secundário da soma das peças como tal. Em vez disso, o que ocorre em cada parte única também depende do que o todo é. A carne e o sangue de uma nota depende desde o início de seu papel na melodia: um si como sensível de dó é algo radicalmente diferente do si como tônica. Pertence à carne e ao sangue das coisas dadas em experiência [Gegebenheiten], como, em que papel, em que função elas estão no todo.

Vamos deixar o exemplo da melodia e voltar para outro campo. Tomemos o caso do fenômeno do limiar [threshold]. Há muito tem sido mantido que um certo estímulo necessariamente produz uma certa sensação. Assim, quando dois estímulos são suficientemente diferentes, as sensações também serão diferentes. A Psicologia está cheia de inquirições cuidadosas relativas ao fenômeno do limiar. Para dar conta das dificuldades constantemente encontradas foi aceito que este fenômeno devesse ser influenciado por funções mentais superiores, julgamentos, ilusões, atenção, etc. E isto continuou até que a questão radical surgiu: *é realmente verdade que um estímulo específico sempre dá lugar à mesma sensação?* Talvez as condições-todo predominantes irão elas mesmas determinar o efeito do estímulo? Este tipo de formulação conduz à experimentação, e experimentos mostram, por exemplo, que quando eu vejo duas cores as sensações que eu tenho são determinadas pelas condições-todo da situação do estímulo inteira. Assim, também, o mesmo padrão de estímulos físicos pode dar surgimento tanto a uma figura unitária e homogênea quanto a uma figura articulada com diferentes partes, todas dependendo das condições-todo que podem favorecer tanto a unidade quanto a articulação. Obviamente a tarefa, então, é investigar estas condições-todo e descobrir que influências elas exercem sobre a experiência.

Avançando outro passo chegamos à questão de se talvez qualquer parte depende do todo específico no qual ela ocorre. Experimentos, amplos em visão, têm respondido esta questão de modo afirmativo. Entre outras coisas eles demandam que a teoria tradicional do contraste visual pode ser substituída por uma teoria que considere as condições todo-parte.

Nosso próximo ponto é que meu campo<sup>3</sup> compreende também meu Ego. Não há desde o início um Ego oposto [over-against] a outros, mas a gênese de um Ego oferece um dos problemas mais fascinantes, a solução do qual parece repousar nos princípios da Gestalt. Entretanto, uma vez constituído, o Ego é uma parte funcional do campo total. Procedendo como antes podemos portanto perguntar: o que acontece ao Ego como uma parte do campo? É o comportamento resultante o tipo espécie-peça [piecewise] do associacionismo, da teoria da experiência, e outros, em que nós teríamos acreditado? Resultados experimentais contradizem esta interpretação e novamente em geral encontramos que as leis dos processos-todo operativos num tal campo tendem para um comportamento “significativo” de suas partes.

Este campo não é um somatório de dados sensoriais [sense data] e nenhuma descrição dele que considere tais partes separadas como sendo primárias estarão corretas. Se fosse, então a experiência das crianças, povos primitivos e animais nada mais seriam do que sensações-peças. As próximas criaturas mais desenvolvidas teriam, além de sensações independentes, algo superior, e assim por

---

<sup>3</sup> Um complexo de forças que servem como agentes de causa no comportamento humano [N.T.].

diante. Mas todo este quadro é o oposto do que a pesquisa atual tem descoberto. Aprendemos a reconhecer as “sensações” dos nossos livros-texto como produtos de uma cultura tardia completamente diferente das experiências de estágios mais primitivos. Quem experimenta a sensação de um vermelho específico naquele sentido? Ao que o homem das ruas, as crianças, ou homens primitivos normalmente reagem é algo colorido mas ao mesmo tempo excitante, alegre, forte, ou emocionante – não “sensações”.

O programa para tratar o organismo como uma parte num campo maior necessita da reformulação do problema como relação entre organismo e ambiente. A conexão estímulo-sensação deve ser substituída por uma conexão entre a alteração nas condições do campo, a situação vital, e a reação total do organismo por uma mudança em sua atitude, empenho, e sentimento.

Há, entretanto, outro passo a ser considerado. Um homem não é somente parte de seu campo, ele é também um entre outros homens. Quando um grupo de pessoas trabalha junto raramente acontece, e nesse caso somente sob condições muito especiais, que eles constituam uma mera-soma de Egos independentes. Em vez disso, o empreendimento comum geralmente torna-se sua preocupação mútua e cada qual trabalha como uma parte do todo funcionando significativamente. Considere um grupo de ilhéus do Mar do Sul empenhado em alguma ocupação comunitária, ou um grupo de crianças brincando juntas. Somente sob circunstâncias muito especiais um “eu” resiste sozinho [stand out only]. Então o equilíbrio que foi obtido durante a ocupação harmoniosa e sistemática pode ser perturbado e dar lugar a um novo equilíbrio (sob certas condições, patológico) substituído.

Discussões ulteriores deste ponto nos conduziriam ao trabalho da ciência social e cultural que não podem ser seguidas aqui. Em vez disso vamos considerar certas outras ilustrações. O que foi dito acima dos estímulos e sensações é aplicável à fisiologia e as ciências biológicas não menos do que à psicologia. Foi tentado, por exemplo, pela postulação de somas de aparatos mais e mais especiais, esclarecer o comportamento significativo ou, como tem sido freqüentemente chamado, intencional. Mais uma vez encontramos reflexos combinados inexpressivamente tomados como certos embora seja provável que mesmo com organismos minúsculos não seja verdade que um estímulo-peça automaticamente efetue seu efeito-peça correspondente.

Oposto a esta visão está o vitalismo que, entretanto, como ele aparece na teoria da Gestalt, também erra em seu esforço de resolver este problema, pois ele, também, começa com a pressuposição de que ocorrências naturais são elas próprias essencialmente irracionais [blind] e acidentais – e adiciona um algo místico sobre e acima deles que impõe ordem. O vitalismo falha ao indagar dos eventos físicos se uma ordem genuína já não poderia vigorar entre eles. E não obstante a natureza exhibe numerosas instâncias de todos físicos nos quais as partes eventos são determinadas pela estrutura intrínseca do todo.

Estas breves referências à biologia serão suficientes para nos lembrar que os fenômenos-todo não são “meramente” psicológicos, mas aparecem em outras ciências também. Obviamente, por isso, o problema não é resolvido pela separação das várias províncias da ciência e classificação dos fenômenos-todo como algo peculiar à psicologia.

A questão fundamental pode ser muito simplesmente exposta: estão as partes de um dado todo determinadas pela estrutura intrínseca daquele todo, ou estão os eventos tais que, como independentes, peça por peça, fortuitos e irracionais [blind], a atividade total seja uma soma das atividades-parte? Os seres humanos podem, certamente, inventar um tipo de física por si próprios – e.g. uma seqüência de máquinas – exemplificando a última metade de nossa questão, mas isso não significa que todos os fenômenos naturais sejam deste tipo. Este é um ponto em que a teoria da Gestalt é menos facilmente entendida e isto por causa do grande número de preconceitos sobre a natureza que foram acumulados durante séculos. A natureza é pensada como algo essencialmente irracional [blind] em suas leis, onde o que quer que aconteça no todo é puramente uma soma de ocorrências individuais. Esta visão foi o resultado natural do esforço com que os físicos sempre

fizeram para expurgá-la da teleologia.<sup>4</sup> Hoje em dia pode ser visto que somos obrigados a percorrer outras rotas que aquelas sugeridas por este tipo de utilitarismo [purposivism].

Vamos avançar outro passo e perguntar: como tudo isso fica com relação ao problema do corpo e da mente? O que o meu conhecimento das experiências mentais de outrem significa e como eu o obtenho? Há, certamente, dogmas antigos e estabelecidos sobre estes pontos: o mental e o físico são inteiramente heterogêneos: obtêm-se entre eles uma dicotomia absoluta. (Deste ponto de partida os filósofos retiraram uma série [array] de deduções metafísicas de modo a atribuir todas as boas qualidades à mente enquanto reservaram para a natureza as odiosas.) Em relação à segunda questão, o meu discernimento do fenômeno mental em outros é tradicionalmente explicado como inferência por analogia. Estritamente interpretado o princípio aqui é que algo mental é acoplado sem sentido com algo físico. Eu observo o físico e infiro o mental dele mais ou menos de acordo com o seguinte esquema: eu vejo alguém apertar um botão na parede e infiro que ele quer acender a luz. Pode haver ligações deste tipo. Entretanto, muitos cientistas têm sido perturbados por este dualismo e têm tentado salvar-se pelo recurso a várias hipóteses curiosas. De fato, a pessoa comum poderia violentamente recusar-se a acreditar que quando ela vê seu companheiro espantado, amedrontado, ou furioso, ela está vendo somente certas ocorrências físicas que nada têm a ver (na sua natureza intrínseca) com o mental, estando apenas superficialmente ligados com ele [o mental]: você freqüentemente vê isto e aquilo combinados... etc. Tem havido muitas tentativas de vencer este problema. Alguém fala, por exemplo, da intuição e diz que não pode haver outra possibilidade, pois eu vejo o medo do meu companheiro. Não é verdade, argumentam os intuicionistas, que eu veja somente as atividades à vista corpóreas acopladas sem sentido com atividades outras e invisíveis. Embora possa ser de outro modo inadmissível, uma teoria da intuição tam ao menos isto a seu favor, ela mostra uma suspeita de que o procedimento tradicional pode ser revertido com sucesso. Mas a palavra intuição é quando muito apenas uma designação daquilo que devemos nos esforçar por dominar.

Estas e outras hipóteses, entendidas como elas são agora, não favorecem a atividade científica, pois a ciência demanda penetração produtiva, não mera catalogação e sistematização. Mas a questão é, como o tópico realmente fica? Olhando mais de perto encontramos uma terceira suposição, a saber, que um processo como o medo é um assunto da consciência. Isto é verdade? Suponha que você veja uma pessoa que seja gentil ou benevolente. Alguém supõe que esta pessoa está sentido enjôo? Ninguém poderia possivelmente acreditar nisso. A característica típica de tal comportamento tem muito pouco a ver com a consciência. Tem sido um dos artifícios mais fáceis da filosofia identificar o comportamento real de um homem e o sentido [direction] de sua mente com sua consciência. Parenteticamente, na opinião de muitas pessoas a distinção entre idealismo e materialismo implica naquela entre o nobre e o ignóbil. Mas quer-se realmente com isso contrastar a consciência com o alegre brotar das árvores? Entretanto, o que há de tão repugnante no materialístico e no mecânico? O que é tão atrativo no idealístico? Isso vem das qualidades materiais das peças conectadas? Amplamente falando muitas teorias e livros psicológicos, a despeito de sua ênfase continuada na consciência, são muito mais “materialísticos”, áridos, e sem espírito do que uma árvore viva – que provavelmente não tem qualquer consciência. O ponto não é o que as peças materiais são, mas que tipo de todo é. Procedendo em termos de problemas específicos logo damo-nos conta de quantas atividades corpóreas há que não sugerem haver uma separação entre corpo e mente? Imagine uma dança, uma dança cheia de graça e alegria. Qual é a situação numa tal dança? Temos um somatório de movimentos límbicos físicos e uma consciência psíquica? Não. Obviamente esta resposta não resolve o problema; temos que começar de novo – e parece a mim que o ponto de ataque certo e frutífero foi descoberto. Encontram-se muitos processos que, na sua forma dinâmica, são idênticos indiferentemente das variações do caráter material de seus elementos. Quando um homem é tímido, medroso ou enérgico, feliz ou triste, geralmente pode ser mostrado que o curso de seus processos físicos são Gestalt-idênticos com o curso seguido pelos processos mentais.

---

<sup>4</sup> Estudo das relações entre os meios e os fins [N.T.].

Novamente eu posso somente indicar a direção de pensamento. Eu toquei na questão do corpo e mente meramente para mostrar que o problema que estamos discutindo também tem seus aspectos filosóficos. Para reforçar a importância das sugestões precedentes vamos considerar os campos da epistemologia e da lógica. Por séculos tem predominado a suposição de que o nosso mundo é essencialmente um somatório de elementos. Para Hume e também bastante para Kant o mundo é como um punhado de fragmentos, e o dogma dos somatórios sem sentido continuam a fazer o seu papel. Quanto à lógica, ela fornece: conceitos, os quais quando rigorosamente vistos são nada mais que somas de propriedades, classes, que sob inspeção minuciosa provam ser meros cestos de bugigangas; silogismos, divisados para arbitrariamente amontoar quaisquer duas proposições que tenham a condição tal que ... etc. Quando se considera o que um conceito é no pensamento vivo, o que realmente significa chegar a uma conclusão; quando se considera que a coisa crucial é sobre uma prova matemática e as inter-relações concretas que envolvem, vê-se que as categorias da lógica tradicional nada tem realizado nesta direção.

É nossa tarefa inquirir, se é possível uma lógica que não seja feita de retalhos [piecemeal]. Entretanto a mesma questão surge na matemática também. É necessário que toda matemática seja estabelecida sobre uma base de peças? Que tipo de sistema matemático seria no qual este não fosse o caso? Tem havido tentativas de responder a última questão mas quase sempre elas recuam no final para os velhos procedimentos. Este fado tem surpreendido a muitos, pois o resultado do treinamento no pensamento em peças [piecewise] é extremamente tenaz. Não é suficiente e certamente não constitui uma solução do problema principal se alguém mostra que os átomos da matemática são retalhos e ao mesmo tempo provam algo de caráter oposto. O problema é cientificamente compreendido somente quando um ataque especificamente projetado para render resultados positivos é lançado. Exatamente como este ataque deve ser feito parece a muitos matemáticos um problema colossal, mas talvez a teoria do quantum irá forçar os matemáticos a atacá-lo.

Isso nos aproxima de uma tentativa de apresentar uma visão do problema conforme ilustrada por suas aparições específicas em vários campos. Em conclusão eu sugiro uma certa unificação destas ilustrações um pouco como segue. Eu considero a situação do ponto de vista de uma teoria de agregados e digo: como deveria ser um mundo onde ciência, conceitos, pesquisa, investigação, e compreensão de unidades inerentes fossem possíveis? A resposta é óbvia. Este mundo seria uma multiplicidade de peças díspares. Segundo, que tipo de mundo teria que ser aquele no qual uma ciência de peças seria aplicada? A resposta é novamente simples, pois aqui se necessitaria somente de um sistema de acoplamentos recorrentes que são irracionais e de peças em caráter, em consequência do que tudo está disponível para uma busca dos métodos de peças tradicionais da lógica, matemática, e ciência geralmente até onde estes pressupõem este tipo de mundo. Mas há um terceiro tipo de agregado que tem sido superficialmente investigado. São os agregados nos quais uma multiplicidade não seja composta de peças situadas adjacente mas muito mais tais que um termo em seu lugar naquele agregado seja determinado pelas leis-todo do próprio agregado.

*Como ilustração:* suponha o mundo onde um vasto platô sobre o qual estão muitos músicos. Eu caminho ouvindo e escutando os tocadores. Primeiro suponha que o mundo seja uma pluralidade sem sentido. Cada um faz o que deseja, cada um por si. O que acontece simultaneamente quando eu ouço dez tocadores pode ser a base para a minha suposição do que eles todos estão fazendo, mas isto é meramente uma questão de acaso e provavelmente tanto quanto na cinética das moléculas de gás. – Uma segunda possibilidade seria que a cada vez que um músico tocasse dó, outro tocasse fá e assim novamente muitos segundos mais tarde. Eu elaboro uma teoria de acoplamentos irracionais mas o tocar como um todo permanece sem sentido. Isto é o que muitas pessoas pensam que os físicos fazem, mas o trabalho real da física desmente isso. – A terceira possibilidade é, digamos, *uma sinfonia de Beethoven onde seria possível para alguém selecionar um aparte do todo e elaborar daí uma idéia do princípio estrutural motivando e determinando o todo. Aqui as leis fundamentais não são aquelas de peças fortuitas, mas concernem ao próprio caráter do evento.*<sup>iii</sup>

<sup>i</sup> **Max Wertheimer** [*mäks vert 'hlmur*] was a German psychologist born in Prague. He studied at the universities of Prague, Berlin, and Würzburg (Ph.D., 1904). His original researches, while he was a professor at Frankfurt and Berlin, placed him in the forefront of contemporary psychology. Wertheimer came to the United States in 1933, shortly before the Nazis seized power in Germany. He immediately joined the graduate faculty of the New School for Social Research (1933–43). Wertheimer's discovery (1910–12) of the phi phenomenon (concerning the illusion of motion) gave rise to the influential school of Gestalt psychology. His early experiments, in collaboration with Wolfgang Köhler and Kurt Koffka, introduced a new approach (macroscopic as opposed to microscopic) to the study of psychological problems. In the latter part of his life he directed much of his attention to the problem of learning; this research resulted in a book, posthumously published, called *Productive Thinking* (1945, repr. 1978).

Fonte: [www.psy.pdx.edu/.../KeyTheorists/Wertheimer.htm](http://www.psy.pdx.edu/.../KeyTheorists/Wertheimer.htm)

<sup>ii</sup> **Psicologia da Gestalt:** Embora não haja equivalente preciso em português para a palavra alemã *gestalt*, o sentido mais geral que se pode dar ao termo seria uma espécie de disposição ou configuração de uma organização específica das partes que constituiria um todo particular. O princípio mais importante da abordagem gestáltica é a afirmação de que a análise das partes nunca pode proporcionar uma compreensão do todo, uma vez que o todo será definido pelas interações e interdependências das partes. As partes de uma *gestalt* não mantêm sua identidade quando estão separadas de sua função e lugar no todo. Assim sendo, a teoria da Gestalt foi inicialmente formulada no final do século XIX na Alemanha e Áustria.

Em 1912, Max Wertheimer publicou um trabalho considerado o fundamento da escola gestáltica, onde descrevia um experimento executado por Wertheimer e seus colegas, planejado para explorar certos aspectos da percepção do movimento. Numa sala escura, eles faziam reluzir em rápida sucessão dois pontos de luz próximos um do outro, variando os intervalos de tempo entre os clarões. Descobriram que quando o intervalo entre os clarões era menor que 3/100 de segundo, eles pareciam simultâneos. Quando o intervalo era de 6/100 de segundo, o observador dizia ver o clarão mover-se do primeiro ponto ao segundo. Quando o intervalo era de 20/100 de segundo ou mais, os pontos de luz foram observados como o eram de fato, ou seja, dois clarões de luz separados.

A descoberta crucial do experimento refere-se à percepção de movimento quando os clarões estavam separados por aproximadamente 6/100 de segundo. O movimento aparente não era função dos estímulos isoladamente, mas dependia das características relacionadas à organização neural e perceptiva do campo. Os resultados deste experimento levaram a algumas reformulações fundamentais no estudo da percepção e, durante as décadas de vinte, trinta e quarenta do nosso século, a teoria da Gestalt foi aplicada ao estudo da aprendizagem, resolução de problemas, motivação, psicologia social e, até certo ponto, à teoria da personalidade.

A escola gestáltica causou enorme impacto em todo o campo da Psicologia. Na metade do século XX, a abordagem desta escola tinha-se tornado tão intrínseca à corrente central da Psicologia que a noção de um movimento gestáltico por si próprio e emancipado deixou de existir. Uma contribuição importante dos adeptos da Gestalt refere-se à exploração da maneira como as partes constituem e estão relacionadas com um todo. Fonte: <http://www.psiqweb.med.br/persona/perls.html>

<sup>iii</sup> Max Wertheimer, tido como o fundador da teoria da Gestalt, propõe em seu "Raciocínio Visual" certos princípios, a seguir:

1) **Proximidade:** Em condições iguais, eventos próximos no tempo e espaço tenderão a permanecer unidos, formando um só todo:

OO OO OO OO OO OO OO  
OO OO OO OO OO OO OO  
OO OO OO OO OO OO OO

2) **Semelhança:** Essa semelhança se dá por intensidade, cor, odor, peso, tamanho, forma etc. e se dá em igualdade de condições. Eventos semelhantes se agruparão entre si:

O X O X O X O X O X O  
O X O X O X O X O X O  
O X O X O X O X O X O

3) **Semelhança + Proximidade:** É a simples adição dos dois princípios anteriores, se em condições iguais:

OO OX XO OO  
OO OX XO OO  
OO OX XO OO

4) **Lei da Boa Continuidade:** É o acompanhamento de uns elementos por outros, de modo que uma linha ou uma forma continuem em uma direção ou maneira já conhecidas.

—|— = ———|



---

5) **Pregnância:** Há formas que parecem se impor em relação às outras, nos fazendo, por muito tempo, não conseguir ver outra forma de distribuição:

oo oo oo oo oo oo oo oo oo  
oo oo oo oo oo oo oo oo oo  
oo oo oo oo oo oo oo oo oo

6) **Destino Comum:** Há certos elementos que parecem se dirigir a um mesmo lugar, se destacando de outros que não o pareçam.

7) **Persistência do Agrupamento Original:** Em todas as formas, todos os estímulos, os elementos aproximam-se uns dos outros e tendemos a fazer com que os grupos continuem os mesmos.

8) **Experiência Passada ou Aprendizagem:** É a subjetividade do percebido: para cada um a percepção pode ser diferente, de acordo com a experiência do indivíduo, de acordo com o que ele já viveu ou aprendeu, conheceu. Tomemos como exemplo um texto qualquer: para um analfabeto ou alguém que não conheça a língua em questão, parecerá uma confusão completa, mas, para aquele que saiba ler ou conheça a língua, parecerá inteiramente inteligível.

9) **Clausura ou Fechamento:** Os elementos de uma forma tendem a se agrupar de modo que formem uma figura mais total ou fechada.

Fonte: (<http://www.tiagoteixeira.com.br/fatias/conteudo/tecnica/gestalt.htm>)